

**ABDIAS DO NASCIMENTO VAI À ESCOLA: UMA PROPOSTA DE  
EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA****ABDIAS DO NASCIMENTO GOES TO SCHOOL: AN ANTI-RACIST  
EDUCATION PROPOSAL**Simone Rocha de Abreu<sup>1</sup>  
Ubiratan Cruz de Almeida Júnior<sup>2</sup>

25

**RESUMO**

Essa pesquisa tem como objetivo geral o enfrentamento ao racismo na educação, o que é necessário e urgente. Deste modo, realizamos a construção de uma proposta antirracista a partir de Abdias Nascimento (1914-2011) para o ensino de arte, a ser aplicada nos anos iniciais do Ensino Fundamental e/ou educação infantil. Além disso buscamos defender que esta questão deva ser enfrentada desde os anos iniciais da escolarização, para evitar e/ou minimizar violências racistas sofridas pelos estudantes negros desde a infância, enfatizamos que tal discussão não deva ser tratada somente com alunos de anos escolares mais avançados. Para isso, refletimos sobre vida de Abdias do Nascimento, as suas produções na pintura, no teatro, as suas ações como ativista, a sua atuação na Câmara e Senado Federal, reconhecendo que todas essas atividades foram permeadas pela luta antirracista. O referencial teórico deste trabalho se baseia em livros de autoria do próprio Abdias Nascimento (1976, 1986), catálogos de mostras sobre a sua produção artística – (Abdias, 2022; Abdias, 2019), em diálogo com teorias antirracistas, entre elas, Cavalleiro (2001; 2003), Silva (2001), Djamilia Ribeiro (2019), Katiúscia Ribeiro (2019), bell hooks (2013) e Almeida (2019). Como conclusão esta pesquisa formulou o livro ilustrado “Abdias vai à escola” para ser usado como recurso pedagógico na aula de arte e através das ilustrações apresentadas envolver os alunos dos anos iniciais da escolarização no debate antirracista pela representação positiva de um cidadão negro brasileiro, artista e que militou contra o racismo por toda a sua vida.

**Palavras-chave:** Abdias do Nascimento. Educação Antirracista. Ensino de Arte.

**ABSTRACT**

This research has as its general objective the confrontation with racism in education, which is necessary and urgent. In this way, we build an anti-racist proposal based on Abdias Nascimento (1914-2011) for teaching art to be applied in the early years of elementary school and/or early childhood education. We seek to defend that this issue must be faced

<sup>1</sup> Pós-doutora em Artes pelo Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista (UNESP). Doutora em Ciências da Integração da América Latina pelo Programa de Pós-Graduação em Integração da América Latina da Universidade de São Paulo (USP). Professora da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). ID Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3516862897795158>. E-mail: [simone.rocha.abreu@ufms.br](mailto:simone.rocha.abreu@ufms.br).

<sup>2</sup> Graduado em Artes Visuais com habilitação em Arte Plásticas pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). ID Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5393367499241195>. E-mail: [biraalmeida.88@gmail.com](mailto:biraalmeida.88@gmail.com).

from the early years of schooling, in order to avoid and/or minimize racist violence suffered by black students since childhood, we emphasize that such a discussion should not be addressed only with students from more advanced school years. For this, we reflect on the life of Abdias do Nascimento, his productions in painting, in the theater, his actions as an activist, his performance in the Federal Chamber and Senate, recognizing that all these activities were permeated by the anti-racist struggle. The theoretical framework of this paper is based on books authored by Abdias Nascimento himself (1976, 1986), catalogs of exhibitions about his artistic production – (Abdias, 2022; Abdias, 2019), in dialogue with anti-racist theories, among them, Cavalleiro (2001; 2003), Silva (2001), Djamila Ribeiro (2019), Katiúscia Ribeiro (2019), bell hooks (2013) and Almeida (2019). As a conclusion, this research formulated the illustrated book called Abdias goes to school to be used as a pedagogical resource in art classes and, through the illustrations presented, involve students in the early years of schooling in the anti-racist debate for the positive representation of a black Brazilian citizen, artist and who militated against racism throughout his life.

**Keywords:** Abdias do Nascimento. Antiracist Education. Art Teaching.

**Data de submissão:** 22.06.2023.

**Data de aprovação:** 27.10.2023.

## 1 INTRODUÇÃO

Para que serve uma educação antirracista? A educação antirracista tem como objetivo principal o enfrentamento do racismo estrutural<sup>3</sup>. Para uma efetiva educação antirracista é necessário o envolvimento de professores, alunos, gestores escolares, merendeiras, secretárias, família do estudante, enfim, toda a comunidade escolar, independentemente do pertencimento étnico, ou seja, de todos, brancos e não brancos. Além disso, o Estado deve cumprir o papel de corrigir injustiças sociais cometidas contra a população negra. No âmbito da educação, o marco legal representado pela lei 10.639/03<sup>4</sup> (Brasil, 2003), que tornou obrigatório o ensino na escola da história e

<sup>3</sup> Silvio Almeida argumenta que o racismo é estrutural e estruturante, integrando a organização política e econômica da sociedade brasileira, atribuindo desvantagens e privilégios sociais; o grupo que detém o poder busca manter a hegemonia criando regras e padrões que dificultam a mobilização social dos grupos subalternizados (2019).

<sup>4</sup> A Lei 10.639/03 altera a Lei 9.394, de 20.12.1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade do ensino da história e cultura africana e afro-brasileira nos estabelecimentos de ensino de todo o país, devemos lembrar que esta lei foi convertida em 11.645/08 para a inclusão da obrigatoriedade do ensino das histórias e culturas indígenas.

culturas africanas e Afro-brasileira, representa um grande avanço, no qual professores antirracistas encontram apoio legal e orientações, estas últimas, principalmente nas *Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das relações Ético-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana* (Brasil, 2004), para desenvolverem seus planos pedagógicos e enfrentarem as tensas relações produzidas pelo racismo. É importante salientar que ser antirracista não é tarefa somente da população negra. É preciso que a população branca tenha a percepção de seus privilégios em consequência ao pertencimento racial e se envolvam cada vez mais na luta antirracista.

A filósofa Katiúscia Ribeiro (2019) em um de seus artigos argumenta sobre a questão da filosofia e educação antirracista nos quais cita como referencial norteador a lei 10.639/03, ressalta que esta legislação quebra o silêncio sobre o continente africano até então presente nos currículos conservadores. Desta autora destacamos o seguinte trecho:

Sancionada em 09 de janeiro de 2003, a lei 10.639/03 torna-se a ferramenta primordial na reconstrução imagética do continente africano, integrando o diálogo antirracista, inexistente nos espaços escolares, tornando os alunos menos refratários a diversidade étnico-racial, construindo na criança negra a referência positiva frente a sua história. Contrariando a história convencional, apresentada nas escolas a história dos povos negros, a qual não se inicia na escravidão, mas sim muito antes dos africanos serem submetidos à condição de escravizados, aliada a filosofia possibilita ao estudante uma reavaliação dos percursos identitários de grupos historicamente inferiorizados e marginalizados na história. (Ribeiro, 2022, p.10).

Em outras palavras, a legislação citada vai na contramão de vincular a população negra somente à referências negativas, tais como a escravidão. Ao contrário, as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das relações Ético-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana (Brasil, 2004), determinam que a escola aborde no currículo, referências positivas relacionadas à população negra ao ensinar a história e cultura dos povos da África e dos Afro-brasileiros e, para isso, observa que é

necessário criar materiais didáticos que trazem essas referências positivas da população negra, como o livro ilustrado, criado por esta pesquisa ora relatada. O que possibilita que a escola se torne um centro de debate contra o racismo, uma vez que quebra o silêncio sobre o continente africano e os afro-descendentes, silêncio que somente contribui para que o racismo se perpetue.

O racismo é uma ferida em nossa sociedade que segue sangrando. O ambiente escolar faz parte da sociedade, portanto, esse problema vai se manifestar neste espaço em todos os níveis de ensino. Entender e perceber que neste ambiente se manifesta o racismo é de extrema importância, para que possamos combatê-lo e isso certamente fará diferença crucial no desenvolvimento dos estudantes brancos e não brancos. Por exemplo, é direito de todos, branco, pretos e indivíduos de outras raças e etnias, de se sentirem representados nos assuntos tratados na escola e/ou verem-se no livro didático para que se entendam como parte do processo. Isto significa ter espaço e voz para interagir e assim romper as barreiras do preconceito. Como citado pela historiadora Maria Aparecida da Silva:

Todo esse esforço teórico e prático tem como objetivo que o professorado compreenda a particularidade da condição racial dos/as alunos/as e assim dê um passo para promover a igualdade. É preciso compreender que a exclusão escolar é o início da exclusão social das crianças negras. (Silva, 2001, p.66)

Mesmo mais de vinte anos após a data de sua publicação, este argumento continua válido e deve ser reforçado. A mesma autora continua observando que:

O professorado, em geral, não percebe as graves diferenças existentes nos resultados escolares de crianças negras e brancas. Não estabelece relações entre raça/etnia, gênero e desempenho escolar, e não percebe também como essa não-percepção interfere na sua própria conduta. Entretanto, sabe-se que as representações determinam as relações, os comportamentos, as expectativas e as interações sociais. Assim, o despreparo constitui campo fértil para que o racismo se perpetue e a discriminação racial sofra mutações próprias do ambiente escolar (Silva, 2001, p.66).

É preciso refletir e questionar a forma pela qual as instituições de educação vêm

aplicando a lei 10.639/03, afinal já são mais de vinte anos de existência dessa legislação e deve-se refletir sobre os possíveis resultados. Deve-se também questionar o olhar das instituições de ensino sobre o negro, ou seja, questionar o olhar racial que todo o quadro docente e administrativo da escola possui sobre tais questões independentemente do pertencimento racial, afinal a escola é feita por pessoas que também foram formadas nessa sociedade racista. “Perceber-se é algo transformador. É o que permite situar nossos privilégios e nossas responsabilidades diante de injustiças contra grupos sociais vulneráveis” (Ribeiro, 2019, p.32), entender este princípio descrito pela autora Djamila Ribeiro, é perceber que neste processo de desconstrução do racismo, muitos ainda não se propuseram a estabelecer esta autorreflexão.

Pessoas brancas, por exemplo, devem questionar por que em um restaurante, muitas vezes, as únicas pessoas negras presentes estão servindo mesas, ou se já foram consideradas suspeitas pela polícia por causa de sua cor. Trata-se de refutar a ideia de um sujeito universal - a branquitude também é um traço identitário, porém marcado por privilégios construídos a partir da opressão de outros grupos. Devemos lembrar que este não é um debate individual, mas estrutural: a posição social do privilégio vem marcada pela violência, mesmo que determinado sujeito não seja deliberadamente violento (Ribeiro, 2019, p.33).

Advém, do trecho anteriormente destacado, a ideia de que um indivíduo branco precisa compreender, analisar e tecer críticas sobre o que é ser branco no Brasil, entender o projeto colonial e a construção de um lócus social que colocou o branco com uma série de privilégios sociais, políticos, econômicos em relação aos não brancos e as consequências estão ainda presentes na sociedade brasileira, apesar do término da colonização formal. Portanto, voltemos à pergunta que abriu esta seção: Por que falar em educação antirracista? Em relação a essa questão, Eliane Cavalleiro afirma:

No cotidiano escolar, a educação anti-racista (sic) visa à erradicação do preconceito, das discriminações e de tratamentos diferenciados. Nela, estereótipos e ideias preconcebidas, estejam onde estiverem (meios de comunicação, material didático e de apoio, corpo discente, docente etc.), precisam ser duramente criticados e banidos. É um caminho que conduz à

valorização da igualdade nas relações. E, para isso, o olhar crítico é a ferramenta mestra.

Almeja, nesse sentido, possibilitar aos indivíduos pertencentes ao grupo de atingidos pelos preconceitos a reconquista de uma identidade positiva, dotada de amor e orgulho próprios. Nela é permanente o combate aos sentimentos de inferioridade e superioridade, visto que a palavra máxima da educação anti-racista (sic) é a igualdade entre os seres humanos (Cavalleiro, 2001, p.150).

O ensino de arte em uma perspectiva antirracista vai além de ensinar sobre os artistas negros durante a aula de arte, também vai além de ensinar aos alunos brancos a não ofenderem e respeitarem os seus colegas negros. É preciso aliado a isso, abordar as questões raciais presentes nas vidas e, provavelmente, nas obras destes artistas negros, bem como abordar as questões étnico-raciais entre os colegas da turma. Ao realizar essa abordagem, o professor abraça o ensino multicultural. A autora bell hooks<sup>5</sup> defende essa questão, fazendo paralelo referente à literatura feminina e negra, tema de seu fazer docente. Ela menciona:

Quando uma professora de inglês, branca, inclui uma obra de Toni Morrison no roteiro do curso, mas fala sobre ela sem fazer nenhuma referência à raça ou à etnia, o que isso significa? Já ouvi várias mulheres brancas “se gabarem” de ter mostrado aos alunos que os escritores e escritoras negros são tão “bons” quanto os do cânone dos homens brancos, mas elas não chamam a atenção para a questão da raça. É claro que essa pedagogia não questiona as particularidades estabelecidas pelos cânones convencionais (ou, quem sabe, por todos os cânones). É, ao contrário, mais um tipo de modificação pró-forma (Hooks, 2017, p. 55).

Em consonância ao comentário de hooks, perguntamos quais professores realmente compreendem os sistemas de opressão que envolvem o racismo a ponto de realmente incluir a consciência de raça em suas aulas? E, assim, promover o ensino multicultural e na medida em que inclua os considerados subalternizados, atribuindo a seus trabalhos, o mesmo respeito e consideração dados aos trabalhos de pessoas

---

<sup>5</sup> Neste artigo adota-se bell hooks, com grafia em letras minúsculas em respeito a posição da autora: hooks afirmou que este é um meio de proporcionar destaque ao conteúdo de sua teoria e não a sua pessoa, bell hooks é o pseudônimo de Glória Jean Atkins (1952-2021), professora, teórica feminista, artista e ativista social norte-americana, cuja obra, bastante influenciada pela pedagogia freireana, incide principalmente sobre as interseccionalidades entre raça, gênero e capitalismo.

legitimadas pelo cânone (Hooks, 2017, p.55).

No ambiente escolar, especificamente na Educação Infantil ou Anos Iniciais do Ensino Fundamental, as referências do alunato partem, em grande medida, de seu lar, e isso pode significar silêncio com relação às questões referentes ao racismo, caso de famílias formadas somente por negros e portanto, a diferença étnica não faz parte do convívio familiar, provavelmente para as crianças provindas destas famílias o ingresso no ambiente escolar poderá ser o primeiro contato com o racismo, e a experiência na escola pode ser traumatizante pelo fato da criança não compreender o que está ocorrendo, pelo silêncio sobre as relações inter-étnicas ocorrido em seu lar ou a falta de contextualização no ambiente escolar. Portanto, é papel fundamental da escola a abordagem sobre tais conceitos (Cavalleiro, 2020).

Temos um vasto repertório artístico para abordarmos sobre as questões étnicas, culturais e raciais na área de conhecimento Arte. Este artigo aborda o artista Abdias do Nascimento (1914-2011), cuja vida, obra artística e a sua luta antirracista muito nos ensina sobre as culturas africanas e afro-brasileira.

## **2 ABDIAS DO NASCIMENTO: PERCURSO NA LUTA ANTIRRACISTA**

Em entrevista para o livro *Memórias do exílio, Brasil 1964-19??* (1976), Abdias afirmou ter nascido: “com uma coisa de protesto” (Nascimento; Cavalcanti, 1976, p.25). Essa sua inquietude o fez buscar explicações plausíveis para as suas indagações que o levavam ao protesto e sua vida foi tomada pela luta antirracista e a representatividade do povo negro nos diversos espaços da sociedade brasileira, o que demonstra que a venda social para questões políticas caíra cedo de seus olhos. Um menino pobre, provindo de uma família humilde e ainda escravizada, não mais por conta do uso de correntes, pois a Lei Áurea (1888) já tinha abolido a escravidão, mas por conta das consequências sociais de serem negros em um país com história de mais de trezentos anos de escravidão e com uma abolição não reparadora, consequências que ainda estão presentes no Brasil.

Aos dezesseis anos, Abdias mudou-se para a capital paulista com o intuito de se



alistar no exército e participou das revoluções militares de 1930 e 1932. Esse período foi crucial para ele, pois foi nesta época, que o então cabo do exército percebeu qual era a sua real posição dentro da corporação; percebeu de que nada adiantava usar farda como os brancos, pois o negro já tinha um determinado lugar subalterno dado pela sua cor de pele. Preso após se envolver em um incidente com um companheiro, no qual questionava as relações raciais no exército, acabou sendo expulso da corporação (Nascimento, 2014).

Abdias concluiu sua graduação em Economia na Universidade Federal do Rio de Janeiro em 1938, mesmo ano em que organizou o Congresso Afro-Campineiro e na mesma década participou na capital paulista da Frente Negra Brasileira<sup>6</sup> (Nascimento, 2014).

Em 1941, foi convidado a juntar-se ao Santa Hermandad Orquídea<sup>7</sup> e com esse grupo de intelectuais seguiu em viagem pelo norte do país e pela América do Sul. Durante essa viagem, presenciará um episódio de *black face*, expressão usada para designar quando um ator branco, passa-se por negro pintando seu corpo e rosto de preto e atua como uma personagem negra. Essa situação ocorreu no Teatro Municipal de Lima, assistindo a peça O Imperador Jones, do autor norte-americano Eugene O'Neill, texto datado de 1920, no qual o autor abordou a questão racial em um momento em que a discriminação contra a população negra era regra nos Estados Unidos. Abdias ficou abismado e decidiu que ao regressar ao Brasil faria uma companhia para formar artistas da cena negros, e que iria começar montando essa peça (Nascimento, 2014, p.145-146).

Abdias ao regressar ao país e chegar especificamente em São Paulo, foi preso novamente, pois havia sido condenado à revelia em um processo instaurado pelo Exército Paulista. No presídio do Carandirú (SP), ele editou um jornal e um trabalho teatral com os presos. Assim nasceu o Nosso Jornal e o Teatro do Setenciado (Nascimento, 2014, p.148).

Ao sair da prisão, Abdias do Nascimento fundou no Rio de Janeiro, em 1944, o

<sup>6</sup> A Frente Negra Brasileira foi um movimento social que combateu o racismo, sediado na cidade de São Paulo, atuou entre 1931 e 1936.

<sup>7</sup> *Santa Hermandad Orquídea* foi um grupo de intelectuais e poetas argentinos e brasileiros, composto por Godofredo Tito Iommi, Efraim Tomás Bó e Juan Raúl Young, argentinos, e os brasileiros Gerardo Mello Mourão, Napoleão Lopes Filho e Abdias Nascimento. Disponível em <http://www.abdias.com.br/>, acesso 15.05.2023.



Teatro Experimental do Negro (TEN) e nesta instituição abriu uma oportunidade para o resgate da cultura negra, oportunizou a formação de atores negros e buscou a integração da população negra em condições equiparadas na sociedade brasileira. A estreia da companhia nos palcos foi no Teatro Municipal do Rio de Janeiro em maio de 1945 com a peça O Imperador Jones.

O Teatro Experimental do Negro constitui-se, através desses anos de atividades, em matriz de iniciativas e estudos que objetivam, de um lado, acelerar a integração dos homens de cor na sociedade brasileira e, de outro lado, examinar o nosso problema do negro à luz de um militante que supere os vícios do academismo e indique rumos e soluções práticas (Nascimento, 1966, p.122).

Entre as atividades fomentadas pelo TEN, Abdias promoveu aulas, assim muitos indivíduos negros retomaram os estudos de educação básica e, em alguns casos, iniciaram-se na educação. Junto ao TEN foi criado o primeiro elenco de atores negros, montaram-se peças que tinham como foco trazer à tona questões relacionadas à vida da população negra, abordando seus conflitos, reforçando suas histórias, relatando fatos e assim desmistificando questões sobre as quais o povo negro na época não obtinha conhecimento. Abdias atuou como ator e como diretor nas peças. Sobre o Teatro Experimental do Negro (TEN) destacamos:

A preliminar da fundação do Teatro Experimental do Negro foi a compreensão de que o processo de liberdade da massa dos homens de cor do seu estado de marginalismo social, devia se assentar na educação e na criação de condições sociais e econômicas para que esta educação para a vida livre se efetivasse (Nascimento, 1966, p.123).

O Teatro Experimental do Negro (TEN) no momento em que estava sob a liderança de Abdias do Nascimento, buscou com afincada participação política, trouxe à tona as questões sociais que envolviam a população negra do país e o enfrentamento ao racismo. O TEN organizou, em 1945, um conjunto de sugestões a favor da igualdade racial a serem apresentadas à Assembleia Nacional Constituinte, com o intuito de tornar crime a

discriminação racial e aprovar outras leis afirmativas na luta contra qualquer outra forma de discriminação, porém sem sucesso. Abdias participou também da Conferência Nacional do Negro em 1949 e em 1950 do 1º Congresso do Negro brasileiro. Muitos outros eventos foram oportunizados pelo TEN, como concursos para valorizar a beleza da mulher negra, o concurso de artes plásticas sob o tema Cristo Negro, aulas de alfabetização, entre outras ações para valorização da população negra. Durante essa caminhada, Abdias criou fortes laços com grupos ligados a direitos civis norte-americanos e movimentos de libertação africana (Nascimento, 2003).

Nos anos 50, Abdias dedicou parte de seu tempo à curadoria de arte, na qual ocupou papel de curador e fundador do Museu de Arte Negra, além disso, foi crescente seu envolvimento com o Partido Trabalhista Brasileiro (PTB). Neste momento, seu papel já era de destaque na luta antirracista e ele buscou um fortalecimento combativo nos Estados Unidos da América (EUA), com o intuito de criar alianças para o movimento negro brasileiro. Com o apoio da Fundação Fairfield, no ano de 1968, realizou intercâmbio nos EUA e decidiu permanecer no exterior quando o governo ditatorial baixou o Ato Inconstitucional 5 (AI-5), pois era alvo de inquéritos devido à militância e a sua prisão era bastante provável se retornasse ao Brasil. Sendo assim, viveu por treze anos (1968-1981) no exterior, residindo nos Estados Unidos e na Nigéria.

Abdias começou a pintar de certa forma tardia e despretensiosamente, como citou Elisa Larkin do Nascimento em entrevista para o Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM-Rio). Durante o período em que viveu no exterior, ele aperfeiçoou-se na pintura e fez várias mostras de sua obra. As suas composições pictóricas foram construídas a partir de símbolos das culturas africanas, os orixás, sempre presentes em suas obras, ocupando o papel principal dentro de cada composição. Abdias encontrou nas simbologias que transcrevem a história africana (Yorubá, Adinkra, Egípcias, Islâmica), o aporte para a sua expressão na pintura, permeada pela luta e pelo resgate ancestral da população negra.

## 2.1 Abdias e suas produções nas Artes Visuais

Nesta seção iremos apresentar parte relevante da produção pictórica de Abdias do Nascimento, que influenciaram as escolhas estéticas para a construção das ilustrações que compõem o livro “Abdias vai à escola”.

Teogonia é o estudo dos ritos e mitos das religiões politeístas. Representa as muitas e diversas divindades de religiões de matriz afro, como o Candomblé. Dentre as muitas pinturas de Abdias que abordam o culto aos orixás em sua composição, destacamos abaixo a pintura *Teogonia afro-brasileira n.2: Iansã, Obatalá, Oxum, Oxóssi, Iemanjá, Ogum, Ossaim, Xangô, Exu* (Fig. 1) de 1972, pois será reproduzida no livro “Abdias vai à escola”.

Na obra *Teogonia afro-brasileira n.2* (Fig.1), há um conjunto de divindades que compõem o culto afro-brasileiro e o artista representa nove orixás do candomblé, cada um com seus símbolos, cores e características. A composição pictórica se divide em nove retângulos e cada um é dedicado a um orixá: no canto superior direito, temos uma representação de Iansã, a deusa feminina dos raios e tempestades, Iansã é guerreira e por isso seu símbolo é uma espada, suas cores são o vermelho e o marrom escuro; logo abaixo há uma representação de Oxóssi, o orixá da mata, caçador, seu símbolo é o arco e flecha.

Continuando a leitura dessa obra (Fig.1) destacamos que, ao lado encontramos a representação de Iemanjá, orixá das águas salgadas, que é considerada a mãe de todos os orixás. Seu símbolo é um colar de contas e suas cores são o azul e o branco. E abaixo da representação de Iemanjá aparece o machado duplo vermelho representando Xangô. Ogum, deus da guerra, é representado pelo metal. Essa pintura é uma espécie de cartilha visual que o artista constroi para remeter o espectador à história do povo do continente africano, fazendo com que a população negra se reconheça como parte da população africana em sua diáspora. Com cores marcantes e intensas, traços firmes, composição baseada em formas geométricas e uma única alusão à figura humana na obra, o artista retratou o que seriam os elementos característicos de cada orixá focado nesta pintura.

Figura 1 - Abdias do Nascimento. *Teogonia afro-brasileira n.2: Iansã, Obatalá, Oxum, Oxóssi, Iemanjá, Ogum, Ossaim, Xangô, Exu* (1972). Acrílico sobre tela 102 x 152 cm. Acervo do Museu de Arte Negra Ipeafro, Rio de Janeiro, Brasil



Fonte: (Abdias, 2022 p. 218-219)

A pintura intitulada *Okê Oxóssi*, de 1970 (Fig.2) retrabalha o símbolo do patriotismo brasileiro – a bandeira do país. O artista ressignifica a bandeira nacional, ao compor uma nova bandeira para o país dando destaque a palavra que dá nome a obra, “okê okê okê okê”, repetida quatro vezes. Tal palavra tem origem em Okê arô que significa “salve o grande caçador”, faz alusão ao orixá Oxóssi, o caçador, interjeição dita por todos os seus filhos durante os rituais religiosos. A nova bandeira é agora apresentada na vertical, as áreas verde, amarela e azul são reconfigurados e surge o arco de Oxóssi, conhecido no candomblé como “ofá”, este ao mesmo tempo que simboliza o arco, substitui o que seria a faixa branca onde estaria a frase “ordem e progresso”, agora, okê okê okê okê.

Figura 2 - Abdias Nascimento. *Okê Oxóssi* (1970). Acrílico sobre tela 92 x 61 cm. Acervo MASP



Fonte: (Abdias, 2022, p. 173)

Figura 3 - Abdias Nascimento. *Xangô crucificado ou O martírio de Malcolm X* (1969). Acrílica sobre tela, 101 x 64,5 cm. Acervo Ipeafro, RJ



Fonte: (Abdias, 2022, p. 186)

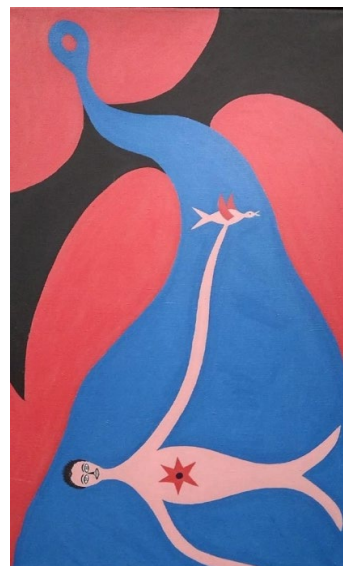
Na pintura *Xangô crucificado* ou *O martírio de Malcolm X* (Fig. 3) realizada em 1969, o artista cita de forma direta, a luta norte americana em busca de direitos civis na qual tal protagonista, Malcolm X, impulsiona olhares contra a segregação racial vivida no EUA no anos 1960. A obra mostra a imagem de Jesus negro, ou o salvador negro, na qual toda sua representação está relacionada a formação cristã da imagem de Jesus Cristo; sem rodeios, a pintura mostra a figura de um homem negro crucificado e nu, diferentemente da imagem cultuada no cristianismo, o homem em questão nada veste, mostrando assim sua virilidade sem censuras. Em sua cabeça, o sinal de santidade, uma luz de cor amarelo rodeia sua face, conferindo assim para a figura a representação da santidade cristã; a sua volta estão seus seguidores que mostram excitação por sua presença e raios vermelhos que parecem aludir ao raio de traição ou inveja cortam a tela.

Figura 4 - Abdias Nascimento. *Tema para Léa Garcia: Oxunmaré* (1969). Acrílica sobre linho, 153 x 107 cm  
Acervo do Museu de Arte Negra Ipeafro, Rio de Janeiro, Brasil.



Fonte: (Abdias, 2022, p.166)

Figura 5 - Abdias Nascimento. *Germinal n.2: Ankh* (1969). Acrílica sobre tela 112 x 71. Acervo do Museu de Arte Negra Ipeafro, Rio de Janeiro, Brasil



Fonte: (Abdias, 2022, p. 170)

Na pintura intitulada *Tema para Léa Garcia* (Léa foi a primeira esposa do artista), a representação está ligada a personificação de Oxumaré, orixá da transformação, e isso ressalta que nesta época de sua vida muitas mudanças estavam ocorrendo devido ao seu auto-exílio nos Estados Unidos. A obra *Tema para Léa Garcia: Oxunmaré* (Fig.4) compõe uma série de pinturas sobre este orixá, traz toda a beleza desta entidade que é vista como um ser ambíguo, parte serpente, parte arco-íris, é homem e mulher ao mesmo tempo e traz consigo uma pintura de forte contraste e riqueza de cores.

Na pintura *Germinal n.2: Ankh* (Fig.5), realizada em 1969, é possível ver em destaque e em cores vibrantes a cruz de Ankh ou cruz Ansata (imagens características dos símbolos adinkra). Ankh é, na escrita antiga do Egito, o símbolo da vida eterna. Em sua composição é possível observar, em seus dois extremos superiores, as lâminas do machado de Xangô (o oxé), o corpo ou cabo do machado torna-se de forma fluida, um rio, no qual por fim se encontra a sereia, ou a personificação de Oxum, a qual acabara de dar à luz a um novo ser. Na composição o artista utiliza a geometria associada à abstração



mesclada à figuração e a presença, ora sutil, ora explícita, às insígnias, elementos e cores da teogonia de matriz africana.

Em muitas composições pictóricas, Abdias do Nascimento empregou os adinkras, entre eles o mais empregado pelo artista foi Sankofa, essa palavra significa “nunca é tarde para retornar ao passado e buscar aquilo que ficou para trás”. A alusão aos adinkras foi utilizada por Nascimento como mote para encontrar na ancestralidade a força motriz de resignificação do presente e de novos caminhos para a construção de um futuro de justiça social para as pessoas negras.

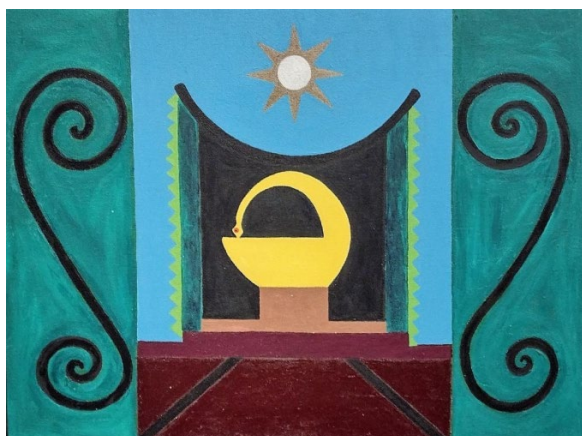
Nesta obra intitulada *Sankofa n. 2* (Fig.6) a composição da pintura destaca o símbolo central, mostrando de forma devota a imagem Adinkra que dá nome a obra (Sankofa). É possível perceber que a intenção do artista é trazer à tona a importância do significado deste símbolo ancestral. Na obra, em suas laterais, uma outra forma de representação do mesmo símbolo (muitos símbolos adinkras possuem mais de uma representação) é dividido ao meio, servindo como porta para a composição em segundo plano. Essa composição corresponde a uma figura amarela, em cima de um altar de tom pastel, que nos remete a um pássaro amarelo com o movimento que representa a *sankofa*. Logo atrás, uma parede preta separa este altar do que seria um céu azul, e na mesma direção do pássaro e, logo acima, um sol ligeiramente apagado. A leitura de Sankofa nos remete a uma ideia pertinente de busca, ou, encontro entre dois tempos: o antigo como referência para o novo.

O artista também expressou as dores sofridas pelo povo negro, como exemplo, trazemos a obra o *Cristo negro* (Fig.7). As pinturas refletem o impacto dos processos de opressão e exploração da colonização na formação subjetiva e territorial do mundo afro-atlântico. Carregadas em tons de vermelho essas obras mostram um olhar inconformado quanto ao processo histórico colonial, que foi o modo pelo qual praticamente todo o continente americano foi constituído após a sua invasão europeia e destaca os horrores do processo de escravidão. A pintura intitulada *Cristo Negro* (Fig.7) retrata a figura cristã de Jesus Cristo, porém em uma versão diferente daquela cultuada pelos povos europeus. É possível ver nesta obra uma imagem de um homem nu e de pele preta, na qual uma



cruz o atravessa, cercado por um azul bem luminoso. O homem e a cruz estão cercados por quatro figuras brancas que nos remetem à imagem dos extremistas raciais norte-americanos pertencentes à *Ku Klux Klan*.

Figura 6 - Abdias Nascimento. *Sankofa n. 2 resgate (Adinkra Asante)* (1992). Acrílica sobre tela, 40 x 55 cm. Acervo do Museu de Arte Negra Ipeafro, Rio de Janeiro, Brasil.



Fonte: (Abdias, 2022, p. 267)

Figura 7- Abdias Nascimento. *Cristo negro*(1968). Guache com veículo plástico sobre papel, 70 x 50 cm. Acervo do Museu de Arte Negra Ipeafro, Rio de Janeiro, Brasil.



Fonte: (Abdias, 2022, p.158)

### 3 ABDIAS VAI À ESCOLA

Esta seção se dedica a descrever a criação do livro ilustrado de viés pedagógico a ser usado como apoio para o ensino de arte em uma perspectiva antirracista, a partir da vida e obra de Abdias Nascimento. A ideia central das ilustrações que compõem o livro, foi abarcar momentos relevantes da vida do artista e a sua produção em artes visuais, sem descuidar da ludicidade no momento de interlocução com os leitores que serão mediados pelo(a) professor(a) de Arte. Foram realizadas vinte ilustrações sobre a vida, luta antirracista e produção plástica de Abdias do Nascimento, a partir do exposto nos itens anteriores. As ilustrações foram executadas nas seguintes ferramentas digitais: Medi Bang paint Pro e Jump Paint, na versão livre dos softwares. Além das ilustrações, foram reproduzidas cinco obras do artista. Portanto o livro *Abdias vai à escola* foi

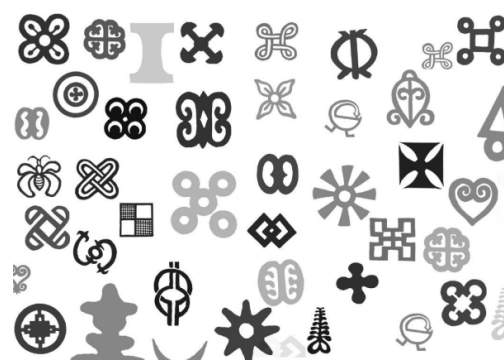
composto com 25 páginas no formato A5 (21 X 14,8 cm). Passamos a abordar algumas das ilustrações que compõem o livro a título de elucidar o seu potencial didático antirracista.

A ilustração da capa (fig. 8), é composta por elementos culturais que se relacionam às obras produzidas pelo artista, como os Adinkras. No primeiro plano está a figura de Abdias idoso, de aspecto carismático, barba branca e um grande sorriso; no segundo plano, está uma releitura da obra *Okê Oxóssi* do artista; e no terceiro e último plano, referências de alguns dos símbolos Adinkras mais conhecidos no Brasil. Esta capa foi criada com o intuito de dialogar com as questões identitárias, as quais o artista tanto questionava. O que de fato é uma identidade brasileira? Para Abdias, como citado na seção anterior, o Brasil é representado por aqueles que compõem e edificam este país, dentre eles, os povos originários e os povos africanos.

Figura 8 - Capa do livro ilustrado, Abdias do Nascimento vai à escola!



Figura 9 - Contracapa livro paradidático, Abdias do Nascimento vai à escola!



Fonte: Acervo dos autores

Na contracapa (fig.9), está disposto um mosaico de símbolos Adinkras e tais símbolos se encontram presentes em grande parte das obras do artista, cada um carrega seu próprio significado e relação entre determinados povos do continente africano.

Na primeira página do livro, Abdias Nascimento aparece se apresentando (fig.10). Nesta ilustração, a personagem principal aparece com certa idade, com barba

branca e expressão alegre. Esta imagem do artista é a mais conhecida, pois foram fotografias referentes a um tempo no qual o papel do militante Abdias já estava consagrado, e em consequência tinha maior exposição pública. Salientamos que fizemos a escolha por esta representação devido ao fato de nos parecer bastante carismática a imagem de um senhor alegre. Esta apresentação é acompanhada pelas seguintes informações escritas: “Abdias Nascimento é natural de Franca, cidade do interior do Estado de São Paulo”.

O fato seguinte destacado pela narrativa visual e escrita do livro, é que a infância de Abdias foi sempre questionadora e de origem pobre. A imagem da criança Abdias traz no balão de diálogo as perguntas que revelam a criança inquieta: Mas por quê? Mas por que é assim? (Fig.11) É adicionada à imagem a seguinte legenda: “Abdias teve uma infância pobre e comum dentre os negros de sua geração”.

Figura 10 - Página 1 do livro paradidático: apresentação



Fonte: Acervo dos autores

Figura 11 - Página 2 do livro, jovem Abdias questionador



Fonte: Acervo dos autores

As ilustrações sequenciais trazem informações sobre a inquietação de Abdias (fig. 12) por ter uma vida relevante, na imagem seus pés descalços ressaltam sua infância pobre. Na figura seguinte, os pais de Abdias (Fig.13) reafirmam a situação economicamente precária da infância da personagem, a ilustração em conjunto, salienta que mesmo com pai sapateiro, Abdias viveu descalço durante sua infância.



Figura 12 - Página 3: “serei Grande”



Figura 13 - os pais de Abdias



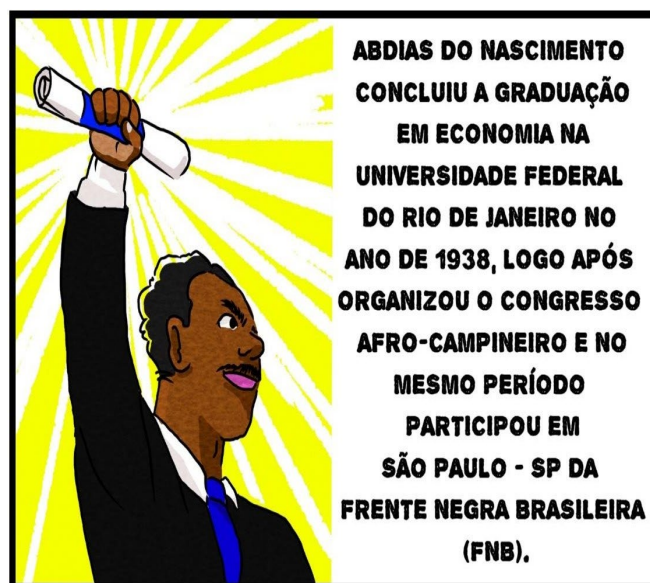
Figura 14 - Página 5: Abdias no militarismo



Figura 15 - questionando a carreira militar



Figura 16 - Página 7 do livro paradidático, conquistas



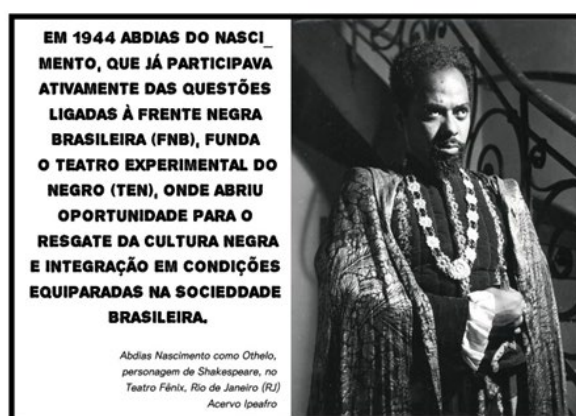
Fonte: Acervo dos autores.

A ilustração (fig. 14), descreve o desejo de Abdias por querer sempre saber mais, descreve também o seu ingresso na carreira militar e conta que ele desiste desta instituição como demonstrado na ilustração da figura 15. E passa a se questionar como ser mais atuante na luta antirracista (Fig.17).

Figura 17 - Antirracismo



Figura 18 - Abdias no palco junto ao TEN



Fonte: Acervo dos autores

A imagem da figura 18, relata a criação e atuação no Teatro Experimental do Negro – TEN, decidimos nesta página trazer a verdadeira imagem do artista, através de um registro fotográfico de Abdias atuando em uma peça teatral.

Figura 19 - campanha eleitoral.

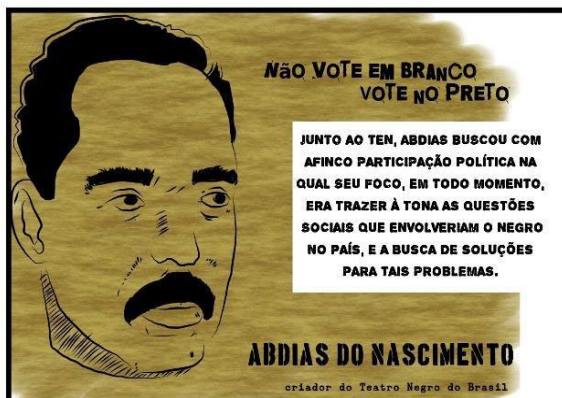


Figura 20 - Abdias na militância antirracista



Fonte: Acervo dos autores

A ilustração sequencial traz informação sobre o período em que Abdias candidatou-se ao cargo de Deputado Federal pelo Rio de Janeiro junto com Leonel Brizola, na sequência tornou-se Senador da República, na Figura 21, podemos ver a ilustração do político Abdias discursando.

Figura 21 - Página 20 do livro: Abdias em uma de suas candidaturas



Fonte: Acervo dos autores

As ilustrações sequenciais trazem informações sobre as pinturas do artista, incluiu-se também algumas páginas com reproduções fotográficas de suas obras.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta proposta investigativa se justifica pela importância de fomentar a educação antirracista em todos os níveis escolares, em específico, esta pesquisa defende que a luta antirracista deve ser efetivada desde os anos iniciais da escolarização da/o estudante, contribuindo para a diminuição da incidência das violências geradas pelo racismo desde a infância do alunato.

Considera-se, nessa perspectiva, que é necessária a abordagem do mecanismo da opressão bem como a valorização dos traços culturais das populações negras. Para atingir esses objetivos, a pesquisa construiu um livro ilustrado que aborda a vida e obra de Abdias do Nascimento, destacando o seu pertencimento à população afro-brasileira, os problemas econômicos e sociais enfrentados - dando ênfase à discriminação social, a fatos relevantes da luta antirracista promovida, à sua atuação política, bem como à sua produção artística que valorizou itens das culturas africanas. É importante perceber que o livro oportuniza um material de apoio para que ocorra o letramento racial ao abordar a luta antirracista, os conflitos enfrentados. Julgamos que oferecer esse letramento é fundamental para que as/os alunas/os possam observar as obras e demais questões levantadas pelo livro de modo mais atento e superando as ideias baseadas no senso comum.

Esse livro ilustrado se constitui em um potente recurso pedagógico para ser empregado em sala de aula na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental, em especial na aula da disciplina arte, permitindo ao professor um material de apoio a partir do qual pode ser ampliado o debate incluindo uma prática artística com a linguagem do desenho, gravura ou pintura em diálogo com as obras de Abdias, o que potencializaria ainda mais as aprendizagens.

A partir do exposto, pretendeu-se defender e fomentar o ensino antirracista desde os anos iniciais da escolarização, visando a formação de consciência social, de senso crítico e



do sentido de pertencimento de todos os brasileiros aos problemas gerados pelo racismo, e fomentando o engajamento das/os alunas/os na luta antirracista.

## REFERÊNCIAS

ABDIAS Nascimento: um espírito libertador. Niterói: Niterói Livros: Museu de Arte Contemporânea de Niterói - MAC: Instituto de Pesquisas e Estudos Afro Brasileiros - IPEAFRO, 2019. Catálogo de exposição, 14 abr. 18 ago. 2019, Museu de Arte Contemporânea de Niterói.

ABDIAS Nascimento: um artista panameficano. São Paulo: Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand – MASP, 2022. Catálogo de exposição, 25 fev. 05 jun. 2022, Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand.

ALMEIDA, Sílvio Luiz de. **Racismo estrutural**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólem, 2019.

BRASIL. Lei 10.639/03, de 09 de janeiro de 2003. Altera a Lei 9.394, de 20 dez. 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial de rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, 2003.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. **Parecer CNE/CP 3/2004**. Institui Diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o Ensino de História e cultura Afro-Brasileira e Africana. Brasília, DF: Conselho Nacional de Educação, 2004.

CAVALLEIRO, Eliane. **Do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil**. 6 ed. São Paulo: Contexto, 2020.

CAVALLEIRO, Eliane (org.). **Racismo e anti-racismo na educação: repensando nossa escola**. São Paulo: Selo Negro Edições, 2001.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2017.

NASCIMENTO, Abdias. **Quilombo: vida, problemas e aspirações do negro**. Edição fac-similar do jornal dirigido por Abdias do Nascimento. São Paulo: Fundação de Apoio à Universidade São Paulo: FUSP; 34, 2003.

NASCIMENTO, Abdias. CAVALCANTI, Pedro Celso Uchôa; RAMOS, Jovelino. (org.) **Memórias do exílio, Brasil 1964-19???**. 1. De muitos caminhos. Vol. 1. São Paulo: Editorial Arcádia, 1976.

NASCIMENTO, Abdias. PEDROSA, Adriano (org.). CARNEIRO, Amanda (org.). MESQUITA, André (org.). **Histórias afro-atlânticas: Antologia**. Ed. Revisada. São Paulo: MASP, 2022.

NASCIMENTO, Abdias. **Teatro experimental do negro: testemunhos**. Rio de Janeiro: GRD, 1966.

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno manual antirracista**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

RIBEIRO, Katiúscia. O Laboratório de Filosofia Africana Geru Maã na UFRJ e os desafios para produção de conhecimento sobre Filosofia Africana e as relações raciais. **Revista Encantar**, v. 1, n. 1, p. 09-27, 30 maio de 2019.

SILVA, Maria Aparecida da. Formação de Educadores/as para o combate ao racismo: mais uma tarefa essencial. *In*: CAVALLEIRO, Eliane (org). **Racismo e anti-racismo na educação: repensando nossa escola**. 5. ed. São Paulo: Selo Negro, 2001, p. 67-82.